

Itamar fará Minas arrepender-se, diz senador

De acordo com ACM, governador causará muitos problemas ao Estado com sua atitude

Estado - O que o senhor acha da atitude do governador Itamar Franco?

ACM - Um homem público, que é o caso de Itamar, não é obrigado a saber, mas é obrigado a cercar-se de quem sabe. Itamar não sabe e se cerca de iguais a ele. Então não há solução para o problema de Minas. Não é o do Brasil, é o de Minas. O problema, como ele quer fazer em Minas, vai afetar o Brasil e está afeitando até o mundo. Ele deve estar contentíssimo na sua irresponsabilidade com o que está acontecendo. É um irresponsável. Afinal, ele é governador de um Estado importante e isso não é do temperamento de um homem que quer ver seu Estado crescer. O que Minas vai sofrer no fim do governo Itamar não terá reabilitação tão cedo e os mineiros vão se arrepender bastante de o terem levado ao governo.

Estado - Itamar afirma que o presidente lhe deve muito.

ACM - É preciso acabar essa conversinha que não tem cabimento em nenhum lugar, de que Fernando Henrique deve a Itamar e Itamar deve a Fernando Henrique. Itamar estava no pior dos mundos, já tendo mudado três ministros da Fazenda em menos de um ano, e chamou Fernando Henrique para assumir o ministério. Fernando Henrique vem com sua equipe, modifica os procedimentos econômicos, faz o Real. Até hoje Itamar não sabe o que é o Real. Se soubesse, não estaria fazendo o que está fazendo. Então ele chega e diz que elegeu Fernando Henrique. Na realidade, ele saiu do Palácio do Planalto bem porque Fernando Henrique foi ser ministro da Fazenda. Caso contrário, ele não sairia bem. É só ver as pesquisas quando Fernando Henrique assumiu a Fazenda e as pesquisas quando Itamar deixou o governo, a diferença.

Estado - Os governadores parecem que estão encontrando uma linha construtiva. O senhor acredita que continuarão nessa linha ou a crise dos Estados vai levá-los a outro posicionamento?

ACM - Eles vão ter o senso de ver a crise do País que afeta os Estados e, resolvendo a crise do País, vão procurar também resolver a crise de seus Estados. Quem faz o dever de casa nos Estados tem êxito. Muitos fizeram e estão numa situação privilegiada em relação aos que não fizeram. É muito fácil dar aumento sem ter receita, nomear quando se deve enxugar, criar municípios que não precisam ser criados para satisfazer determinadas bases políticas. Mas tudo isso leva o Estado para o precipício.

Estado - E a atitude do governador gaúcho, Olívio Dutra, que conseguiu do Supremo Tribunal Federal autorização para depositar em juízo a parcela da dívida?

ACM - Quando o governador não sabe o que vai fazer, está desesperado com a situação ou não tem

prática de enfrentar problemas, ele tem de procurar fazer alguma coisa para chamar a atenção do público e dar uma satisfação ao eleitorado. É o que Olívio está fazendo e alguns outros tentam fazer. Ele vai ao Supremo, não sei se o Supremo fez acertadamente. Tenho o maior respeito pelo Supremo, mas nem sempre ele acerta. De modo que isso apenas não é construtivo, porque o governo tem outras maneiras para fazer com que recursos não cheguem ao Rio Grande do Sul.

Estado - No caso de Minas, Rio Grande do Sul e outros Estados, é inegável que herdaram uma situação financeira difícil, em Estados até governados por aliados do presidente, políticos que pareciam muito próximos dele para não terem feito o dever de casa, como o senhor falou...

ACM - É por isso que eles têm de equacionar, corrigir os erros do seu antecessor e ir ao governo federal conversar sobre a situação do Estado. Mas daí a tomar atitudes levianas e precipitadas é falta de conhecimento e desamor ao País.

Estado - A atitude de Olívio é leviana como a de Itamar?

ACM - É prejudicial, mas é totalmente diferente, porque ele recorre a um órgão da Justiça. Se a Justiça, certa ou errada, deu a oportunidade que ele pedia, ele está em situação boa em relação ao País e até mesmo ao seu Estado. Ele teve deferido um pedido que fez à Justiça.

Estado - E fez o depósito.

ACM - Depositou os recursos. Logo, mostra que tinha para pagar; não pagou porque não quis. Mas ele vai aprender. O tempo ensina a todos e vai ensinar a ele também.

Estado - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, não ficou numa situação delicada agora, com a saída do Gustavo Franco da presidência do Banco Central?

ACM - Fernando Henrique deu, dá e dará toda a força a Malan, porque acredita na sua competência. Sobretudo internacionalmente a credibilidade de Malan é total. O presidente não vai mudar nunca o Malan. E se fosse mudar, numa hora difícil como esta, a irresponsabilidade não seria de Malan, seria do governo. Esse é um boato que deve sair logo de cena, porque atrapalha o País. Mas há alguns erros. A equipe de Malan devia ter sabido, por exemplo, que no momento de demitir, que não ia mais ficar Gustavo Franco, Cláudio Mauch (diretor de Fiscalização do BC até quinta-feira) devia ter saído com ele. Se o faz 48 horas depois, isso mantém o pânico, o que é desnecessário. É um erro político numa área técnica.

Estado - O que acha do Ministério do Desenvolvimento?

ACM - Primeiro, houve muitas restrições ao Ministério do Desenvolvimento. Eu também as fiz e, se fosse o presidente, não o teria criado. Mas o presidente acha que isso é um ponto de solução e poderá ser. Evidentemente ele criou esse ministério para determinada pessoa, Luiz Carlos Mendonça de Barros. Que foi extremamente injusti-

cado e por outro lado cometeu algumas levianidades, que não são graves. Não têm nada de corrupção, mas de conversas inadequadas para homens públicos. Ele pagou um

preço além da conta, mas se espera dele a garra que se queria de Mendonça de Barros...

Estado - Para quê serve esse novo ministério?

ACM - Minha restrição ao ministério é justamente o fato de que numa hora de crise não vai dar os resultados que o País necessita ou o presidente deseja, porque evidentemente não vamos ter os recursos disponíveis para o ministério nas várias áreas.

Então era melhor dar essas atribuições do ministério ao que tem recursos no momento, que seria o BNDES. Mas ele pode fazer esse papel, Se a Justiça deu a oportunidade que ele pedia, ele está em situação boa em relação ao País e até mesmo a seu Estado."

que é o desejo do presidente. Fernando Henrique está cheio de ideias, cheio de vontade para realizar programas. Minha tese é que

fosse um ministério de programas especiais: as coisas difíceis do Brasil que não tiveram solução devem ser para essa pessoa que fosse lá para resolvê-las. Há o problema secular da seca do Nordeste, então esse ministério vai resolver o problema da seca, vai fazer um programa de recursos hídricos, etc.

Estado - E com relação a esses gestos que o presidente tem feito de aproximação com a esquerda?

ACM - Acho isso interessante. Ele ouve os setores mais dispareus da sociedade e o que ele precisa, até mesmo como professor que está numa posição importante como presidente da República, é ouvir.

Estado - Como o senhor vê a reunião de governadores marcada para Minas na segunda-feira?

ACM - Se for seguir a cabeça e a lógica do promotor da reunião, estamos fadados a um grande insucesso. Se for para moderar ou melhorar a posição do promotor, será um serviço ao País.

Estado - E a idéia de uma reunião de todos os governadores com Fernando Henrique?

ACM - Vai chegar o momento em que vai ocorrer. Mas talvez não deva ser agora. Se num momento como este se começa a fazer reunião de todo mundo, aí esse pânico, que é irracional, aumenta.

Estado - Isso não poderia ser discutido entre as Secretarias de Fazenda, o que daria uma conotação mais técnica ao problema?

ACM - O Ministério da Fazenda conversa diariamente com os secretários estaduais de Fazenda, está ciente de tudo. Tem de encontrar caminhos. Mas ninguém quer cortar na carne, e se não cortar não vai resolver. A Bahia está numa situação privilegiada porque há quatro ou cinco anos fez o dever de casa. Não se nomeia ninguém, não se dá aumento que não se possa dar. Se as dívidas não fossem renegociadas, como estariam os Estados? Absolutamente quebrados. Mas ninguém diz isso. Nem o governo.